

Homens E Fatos

A editora Brasileira lançou "Eu fui as democracias populares", um livro de João Saldanha. A autora foi um dos primeiros jornalistas brasileiros a visitar a democracia popular da Europa, pouco depois da armistícia da guerra, trazendo impressões e agudeza de observação.

Foi publicada em Moscou, mais uma edição do romance "Germinal", de Zola. As obras do romanista francês são editadas em três idiomas: dos povos da URSS, com uma tiragem global de 5 milhões de exemplares.

A editora Czytelnik, de Varsóvia, acaba de lançar a tradução de "Vidas Secas", de Graciliano Ramos. Em polonês "Vidas Secas" chama-se assim: "Wzrost i śmierć Egipsa".

Apareceu mais um número da revista "Horizontes", do Porto Alegre, com o seu aspecto gráfico a cada vez melhor. Neste número vem publicado na íntegra o poema popular gaúcho "Antonio Chimango", de Ramiro Barcelos, com duas ilustrações de Vasco Prado.

O MOVIMENTO EDITORIAL NA POLONIA

A REVOLUÇÃO cultural que se processou na Polónia após a tomada do poder pela classe trabalhadora, está se refletindo de uma maneira particularmente clara no movimento editorial.

Na Polónia de antes da guerra, as tiragens de livros eram não só inferiores às dos grandes países como os Estados Unidos, a França, a Grã-Bretanha ou a Alemanha, mas não chegavam a igualar tampouco o movimento editorial de países pequenos como a Tchecoslováquia ou a Finlândia. A tiragem média de obras científicas eram então de 400 exemplares, enquanto a de romances não ultrapassava a casa de 2.000.

Atualmente as tiragens de romances foram aumentadas e o crescimento rápido e enorme tornou-se possível com as profundas transformações sociais ocorridas na Polónia e o empenho constante em levantar o padrão cultural das massas trabalhadoras. A nacionalização das maiores casas editoriais e das tipografias permitiu uma economia planejada no setor de edições, destinada a um desenvolvimento "com um desenvolvimento contínuo".

O progresso quantitativo das publicações foi acompanhado de uma melhora de sua qualidade. Eis um exemplo característico: o livro que maior venda teve antes da guerra era um romance sem valor algum, intitulado "A Imprensa", escrito pela srta. Mniszek. Após a guerra, o livro mais vendido é o "Pan Tadeusz" do grande poeta Mickiewicz.

Obras científicas atingem tiragens de vários milhares de exemplares, enquanto que os livros sobre o marxismo-leninismo atingem tiragens de 100.000 exemplares.

Em 1945 publicaram 1.155 livros, em 1948, 4.791, em 1949 cerca de 5.000; em 1950, primeiro ano do Plano Sexenal, editaram-se 5.218 títulos, cuja tiragem global ultrapassou as expectativas do Plano, atingindo mais de 122,5 milhões, com uma média de 23.500 exemplares por título.

No curso do Plano Sexenal, o movimento editorial continuará a se expandir, colocando a Polónia num dos primeiros lugares na Europa.

TRATAMENTO DO CASAL ESTERIL MOLESTIAS DE SENHORAS - OPERAÇÕES DR. CAMPOS DA PAZ FILHO

GINECOLOGISTA

Caixa de Pensões da Light (Laureado pela Academia de Medicina)

Ed. Carioca - Sala 218 - Tels. 42.7550 e 38.5650

Que a Aurora Desponte no Céu de Amanhã

Os homens tombaram, singelos, heróicos, a luz do luar.

No rosto de espanto ralhava a certeza. No porte estendido, alado, eloquente, via uma história nas mãos famílicas.

A noite sangrenta esfu demorada.

O sangue brotava dos corpos, das almas, da terra ofendida, dos altos gemidos.

E os homens tombados, singelos, heróicos,

Literatura e Arte

Um Guerrilheiro Prodigioso-Luiz Barbalho

Fernando Segismundo

O MES DE ABRIL é repleto de episódios notáveis na história nacional. Foi num mês de abril que se deu a morte de LUÍZ BARBALHO BEZERRA, comandante da prodigiosa marcha de 400 leguas empreendida pelos defensores do Brasil no período da resistência aos invasores holandeses. Ainda em dias desses nós foi travada, e ganha pelos brasileiros, a primeira das batalhas de Guararapes, ocorreu o enfraquecimento do heróico Alentejo; e verificou-se a execução do coronel de milícias André de Albuquerque e Melo (Pe. Moror), patriotas ligados à insurreição pernambucana de 1824.

Neste ensaio vamos ocupar-nos da figura extraordinária de Luiz Barbalho Bezerra, que tem arrancado a admiração da maioria dos historiadores daquela fase de nossa evolução política. Um deles, o sr. Pedro Calmon, escreveu que Luiz Barbalho deu à história das lutas contra os neerlandeses um roteiro de epopéia. D. Francisco Manoel chamou à jornada por ele dirigida "coisa digna de gregos". Não menos lisonjeiro foi o juízo do Visconde de Porto Seguro, que

lhe comparou a retirada "à dos dez mil gregos". «A marcha que realizou... constitui episódio dos mais gloriosos da nossa história militar», sentenciou o Barão do Rio Branco. De sportantosa expedição classificou-a o general Brito Freire. Mas Luiz Barbalho Bezerra não se limitou apenas pela coragem e bravura com que levou a bom termo a marcha do Rio Grande do Norte até à Bahia, pelo meio das tropas inimigas; outros feitos seus, numerosos e estupendos, bastariam para engrandecer-lhe a memória e torná-la respeitável aos patriotas de todos os tempos.

Barbalho foi um dos fundadores do ARRILAL DO BOM JESUS, centro da resistência pernambucana, aos batidos: defendeu a Bahia contra duas investidas das poderosas esquadras e exércitos holandeses, — uma sob a imediata responsabilidade de Maurício de Nassau, outra às ordens do vice-almirante Lichthardt; sustentou inúmeros combates na defesa das posições pernambucanas e no ataque aos fortes do inimigo; e foi governador da cidade do Rio de Janeiro, cargo em que a morte o surpreendeu, no dia 15 de abril de 1644.

Celebrizou-se a carreira militar de Luiz Barbalho no núcleo da defesa oposta pelos patriotas à invasão da capitania de Pernambuco — ou seja o Arrilal do Bom Jesus. Estava-se no ano de 1630; fazia um lustro que malograra a intenção batava de conquistar a Bahia, rede política do Brasil da então. Nossa pátria, bem como Portugal, de quem éramos colônia, achava-se sob domínio espanhol desde 1581, domínio que só iria terminar em 1640, com a restauração da independência lusa.

Estando a Holanda em guerra com a Espanha — ambas grandes potências mercantilistas e marítimas — resolveu a primeira apoderar-se de partes do Brasil e, em caso de sucesso, conquistá-lo totalmente. Ambicionavam os comerciantes holandeses o açúcar, o tabaco, o pau-brasil, o ouro e outras riquezas do solo e do

sub-solo da colônia luso-espanhola.

Expulsos da Bahia, voltaram-se os holandeses para Pernambuco, centro econômico do Brasil. Uma esquadra de 65 navios e de 7.230 homens, entre marinheiros e soldados, atacou Olinda em princípios de 1630. Matias de Albuquerque, nomeado superintendente da guerra pelo governo espanhol, tratou, com rara eficiência e incomparável zelo, da defesa não só de Olinda como do Recife, outros pontos importantes do território. Coligado. Foi inextinguível nas providências tomadas. Desde logo teve a ajuda eficaz de eminentes patriotas, radicados na capitania ou vindos de outras partes do Brasil — entre eles o pernambucano Luiz Barbalho Bezerra e o paulista Manuel de Moraes, jesuíta que ali se celebriou como guerrilheiro e viria a assinalar-se, de novo, na fase da reconquista.

Ao cabo de muitas lutas, Olinda e Recife capitularam. Foi quando Matias de Albuquerque resolveu fundar o Arrilal do Bom Jesus, a igual distância daquelas duas povoações, numa tentativa de impedir o avanço do inimigo para o interior. A Luiz Barbalho coube comandar uma companhia de chocadinhos que tinha quartel no atual bairro da Boa Vista, e dessa estância saiu várias vezes com sua gente para combater corpo a corpo os adversários nos sítios que os mesmos tentavam fortificar, ora derrotando-os, ora desbaratando-os os cometimentos.

A esta, cédula não tardaram a vir juntar-se outros extremos defensores do solo pátrio invadido: Antônio Filipe Camarão e seus índios e Henrique Dias e seus negros.

Sucediam-se os assaltos às fortalezas inimigas; não lhes davam tréguas os nossos. Jonkheer Diederik van Waerdenburg, comandante do exército invasor, reconheceu desde ali que os ataques dos nossos eram alarmantes; pouco depois confessou que os mercenários da Companhia das Índias Ocidentais — empresa responsável pela invasão do Brasil — com-

batiam com um «povo valoroso e ágil».

Os soldados do intrépido Luiz Barbalho assustaram, nessa fase, diversas posições do inimigo, entre elas os fortes de Bruyn (antigo Diogo Pais, hoje Brum) e do Barco, ou de Madame Bruyn. Faziam-se tais ataques ao surpresa, geralmente em investidas noturnas, com inferioridade da pessoal e armamentos, pela o exército despojado na terra brasileira era dos melhores que à época se podiam recrutar e, em auxílio dos defensores de Pernambuco, a Espanha enviava a Matias de Albuquerque precisamente 37 soldados e algumas munições. Tanto arrojado dos brasileiros levou ainda Waerdenburg a declarar: «acho este um povo de soldados ricos e impetuosos».

Um dos episódios memoráveis da conquista foi o assalto ao Arrilal, último baluarte que acabou por sobrar aos patriotas e, por isso mesmo, defendido com feroz tenacidade. Na iminência de o inimigo penetrar o interior da capitania, Matias de Albuquerque encarregou Luiz Barbalho e outros de apresentarem, ali, a maior resistência possível. Compreendeu o adversário a importância da praça e foi estreitando o cerco em torno dela durante dias e meses, canhoando-a vigorosamente, obrigando seus defensores a cavar subterrâneos para o palió e o hospital de sangue.

«Dentro de pouco — escreve o Visconde de Porto Seguro — o grande aperto do sítio trouxe aos defensores a inevitável escassez, e logo a falta completa de mantimentos. Para aliviar a fome começaram a fazer-se surtidas, ora com mais frequência e mais mortíferas. Por outro lado, dentro do forte... não havia animal de que se não tirasse partido para alimento. Não só os cavalos, os cães e os gatos, mas até os próprios ratos se aproveitavam».

Decorridos três meses de sítio, o forte rendeu-se. Falta-va ao usurpador tomar ainda a fortaleza de Nazaré para concluir a conquista de sédes de resistência. Reforçado pelas tropas que haviam toma-

do o Arrilal, Segismundo van Schoppe, — esse tempo governador dos holandeses, dirigiu várias investidas contra a mesma, as quais os sitiados repeliram apesar das privações que sofriam. Após um mês de assédio, a fortaleza cedeu; entre seus defensores encontravam-se Luiz Barbalho. Preso, foi o admirável patriota conduzido para a Holanda.

Dois anos depois (princípios de 1637), já ele estava em Portugal. Seus feitos haviam ecoado na Metrópole, que o distinguiu com muitas honrarias e recompensas. Foi elevado a mestre de campo, teve o fôro de fidalgo, ganhou o hábito de Cristo e fê-lo prometido o governo da cidade do Rio de Janeiro.

(A CONTINUAR)

"PARA TODOS"

Está tendo grande procura nas bancas o novo número de PARA TODOS, a vibrante revista de combate da literatura de vanguarda dos intelectuais progressistas brasileiros. Neste número, na matéria nacional, destaca-se o artigo de Moacir Werneck de Castro sobre o poeta industrial Frederico Schmidt, sob o título «Schmidt, mercador de morte e poeta do desespero burguês» — um retrato fiel do tubarão da Orquima que foi à Conferência dos Chanceleres ajudar a vender nosso país aos Estados Unidos; um artigo sobre o centenário de Ríllio Romero, do Astrofido Pereira; «Uma tarefa de Honra», do Floriano Gonçalves; «Um romancista e amigo do Brasil», de Jorge Amado, etc.

Candido Portinari, especialmente para «Para Todos», apresenta na capa um belo retrato de Ríllio Romero.

Destaca-se na matéria internacional a «Carta da Primavera», belíssimo e comovido documento humano, de Ernst Thaelmann.

«Para Todos» traz ainda colaborações de Milton Peres, Alvaro Moreyra e Egidio Squiff, notas, registros, etc.

O Primeiro Trimestre De Vargas

Completa-se hoje o primeiro trimestre do governo Vargas. E cada vez mais evidente, para as grandes massas de todo o país, que o homem do Castelo se revela incapaz de resolver os problemas fundamentais do Brasil e que o seu governo de latifundiários e grandes capitalistas nada há a esperar, senão maior miséria, mais fome e opressão.

A medida que passam os dias, mais claro se torna o abismo entre as cinicas promessas do candidato, demagogos sem escrúpulos, e a dura realidade que o seu governo oferece. Nesses três meses de governo Getúlio, aceitou-se a carestia da vida, diminuído, na mesma medida, o salário real dos trabalhadores. A política «trabalhista» do governo revelou-se, tal como a de Dutra, a política dos patrões exploradores, a ditadura política-ministerialista contra o movimento operário. Essa política culminou, antes, com a proibição da II Conferência Sindical dos trabalhadores cariocas e com uma nova investida policial da Associação Brasileira de Imprensa, atos de violência fascista que bastam para caracterizar a orientação do governo de patrões contra os trabalhadores.

O governo Vargas mostrou-se inimigo das liberdades públicas, proibindo manifestações e comícios patrióticos de protesto contra a infame Conferência dos Chanceleres e em defesa da paz. Sua política, a mesma que procura obrigar cidadãos a assinarem uma ficha do FBI norte-americano, mostra-se abertamente como tropa de choque dos provocadores de guerra, como nos acontecimentos de Belo Horizonte, procurando, agora, impedir a campanha de cinco milhões de assinaturas por um pacto de paz entre os cinco principais partidos.

Na Conferência de Washington, para onde foi enviado um empregado da Standard Oil, sr. João Xeres da Fontoura, como chefe da delegação brasileira, Vargas vendeu na realidade o sangue da juventude brasileira. Obedeceu fielmente às ordens de uma carta secreta que lhe foi enviada por Truman, determinando a remessa de tropas brasileiras para a Coreia e a repres. ao movimento operário e democrático em nosso país. A delegação de Vargas em Washington representou o vergonhoso papel de lacão-mor do Departamento de Estado, num acinte ao hrio patriótico de nosso povo.

Nesse mesmo período, prosseguiu aceleradamente a política de militarização do país. O ministro da Guerra, Estillac Leal, vai aos Estados Unidos receber ordens dos generais ianques e acertar detalhes sobre a formação do contingente mercenário brasileiro para o «exército latino-americano». As despesas com a preparação guerreira determinam o aumento inexorável do custo da vida, e é sobre os ombros dos trabalhadores que recai o peso principal dessa política criminosas.

Getúlio Vargas trai o Brasil. Representando as classes dominantes interessadas numa nova chacina mundial, a fim de fazerem grandes negócios, ele conduz o país no caminho da guerra, da miséria e da fome. Sua demagogia não cada vez mais falso perante as grandes massas, que sentem na própria carne como as promessas do demagogos são todas as avessas. Ele faz discursos contra os tubarões, mas o que as massas vêem é que esses tubarões estão instalados no governo, dirigem a política nas posições-chaves, representam o Brasil em Washington, onde assumem compromissos lesivos à soberania nacional e aos destinos do nosso povo. Eis porque não enganam aos trabalhadores espantados como o «show» oficial preparado para 1.º de Maio no Estádio do Vasco.

Contra a política de Vargas, de fome, violência policial, e subordinação do país aos imperialistas e provocadores de guerra norte-americanos, os trabalhadores e o povo brasileiro dispõem-se a intensificar os seus protestos, a lutar com maior energia, unindo-se e organizando-se para essa luta que é decisiva para os nossos destinos. E os trabalhadores e o povo compreendem cada vez mais claramente que só com um governo democrático-popular, que quebre o poder das atuais classes dominantes representadas por Getúlio e seu bando, será possível conduzir o Brasil por um caminho de paz, independência, felicidade e bem-estar para as grandes massas.

TOPICOS

EXERCITOS ALAGOANOS

Ilé na Câmara um homem que se chama Pitomba ou Pitombo. Representa o P.T.B. de Alagoas. Quando se discute a guerra de Caxias esse homem foi ao microfone, nervoso, e protestou contra a «infância» de um vespertino, que acusava o chefe do Estado Maior das Forças Armadas de fornecer armas automáticas do Exército aos homens do exército particular do sr. Tenório Cavalcanti.

O chefe do Estado Maior das Forças Armadas é o general Góis, ex-soldado do PSD. O sr. Tenório é da UDN e o sr. Pitombo é petetista. Vemos, assim, que um verdadeiro acordo inter-partidário representa seu papel nos espantafatosos arruadas da vizinhança cidade.

Se o petetista Pitombo, entupido com os seus próprios carapós, não se tivesse manifestado ao microfone, falando na denúncia do vespertino, a proeza de seu amigo general Góis não teria passado do manchete de um vespertino para o noticiário de todos os matins, entrando ainda nos Anais da Câmara, através das colunas do Diário do Congresso.

Louvrad seja, entretanto, a ineptia do «trabalhista» de Penedo.

Ajudou a esclarecer os acontecimentos de Caxias, ali, o deputado Tenório, violando o mandato, transformando em caso político suas questões pessoais que poderiam ficar restritas aos limites da criminalidade comum.

Mas o concurso do general Góis dá ao burliho de Tenório Cavalcanti feição belicosa. Com a fuga do mano Silvestre de Maceió dissolvente e o famoso Exército Ali. Agora o mano de Pedro Aurelio organiza outro em Caxias, às portas do Distrito Federal.

PARA O COVIL

Está voando para o aconchego do governo de sr. Truman o general Estillac Leal. Prefere, assim, ao calor da solidariedade do seu povo, o aperto de mão dos insensíveis carneiros do Pentágono.

Claro está que a missão do ministro da guerra do sr. Vargas não é uma missão de paz, e lá vai o sr. Estillac Leal, custodiado precisamente pelo sr. Mullins Junior, que é de fato quem controla as nossas forças armadas através da chamada Missão Militar Mista Brasil-Estados Unidos.

Chegará o general Estillac aos Estados Unidos poucas semanas depois de encerrada a Conferência dos Chanceleres, naturalmente para corporificar com Marshall as medidas de completa submissão que os imperialistas não impuseram ali, no campo militar, para arrastar nossa juventude à guerra na Coreia ou onde se verificava nova

A Nova Estética

NAIR BATISTA

O sr. TRISTIO de Ataíde escreveu no suplemento literário do «Diário de Notícias» um longo trabalho sobre um assunto que resolveu denominar «A nova estética». Escreve dos Estados Unidos, onde, em Washington, ocupa um posto de direção no Departamento Cultural da União Pan-Americana; por isso, é fácil descobrirem-se as razões pelas quais foi encontrar, justamente no país dos dólares, essas grandes revelações de arte, que batizou de nova estética.

Vejam, porém, em partes, o que vem a ser essa nova identificação ideológica.

Iniciando o artigo, diz que «um dos sinais de que estamos vivendo o fim de uma época que começou com o Renascimento, deve ser o novo sentido de beleza que está surgindo no século XX».

E temos então a teorização a respeito do abandono, pelos artistas americanos, do humanismo clássico, e a pesquisa de formas extra-humanas, que o articulista justifica, fingindo interrogar: «Até que ponto essas influências representam uma desumanização ou pelo contrário, uma nova forma de humanismo, pelo enriquecimento da noção da natureza humana?».

E entra então nas exemplificações, colhidas no paraíso dos dólares.

É a vez da apologia da pintura moderna americana, que encie os museus; são telas vindas de todos os recantos dos E.E.U.U. em que o humano é substituído pelo jogo de linhas e cores, e o domínio do intelectualismo intencionalmente deformante. E eis ali um aspecto da «nova estética».

Passando da pintura, não se sabe bem se à arquitetura ou aos jogos de luzes dos arranha-céus de New York, o sr. Tristio de Ataíde os orige à categoria artística e, tão deslumbrado se sente com a visão dos «Times Square» e do «Raglo City», bem no coração do «Rockefeller Center» que, já esquecido do mais lindo espetáculo luminoso do mundo — o acender das luzes de nossa cidade — conclui, afirmando que, do ponto de vista sociológico da arte, isto é, de que o belo é útil, Nova York é realmente o centro do século XX, e uma nova forma de beleza está surgindo de suas torres, etc.

Vendo na pintura formalista o sinal do surgimento de uma nova estética, o sr. Tristio confunde ou procura confundir o velho com o novo, pois o que ali existe, de fato, é justamente o contrário, isto é, a manifestação de decadência de uma

determinada forma social e artística, que, de degeneração em degeneração, nada mais pode criar senão essa elocubração de cérebros sem disciplina, sem horizontes, que se integra inteiramente na ideologia do individualismo burguês contemporâneo e despenha um papel social e político claramente definido, uma vez que, conforme acentua o próprio sr. Ataíde, essa arte apresenta-se com uma forma aristocrática, designada das aspirações populares, rompendo todas as ligações com o mundo e procurando, ao mesmo tempo, mergulhar no apolitismo e no cosmopolitismo, como meio de fugir à realidade social e de renegar os valores nacionais.

Que o «malismo», em qualquer país em que se apresente, significa o fim de uma época, é fato histórico, não há como negá-lo.

Quando um sr. Ataíde quer apresentar como nova uma estética em seus estereótipos finais, ou é absolutamente ignorante ou está agindo de má fé, fazendo o jogo dos novos patrões, envenenando com sua perfídia os leitores que ainda acreditam em suas arengas de ideólogo do clero reacionário.

A apologia da arquitetura norte-americana e dos jogos de luzes erigidos à altura de

arte só pode convencer os acionistas da General Electric ou de algum outro trust de eletricidade.

Que se pode entender como nova estética, quando se trata dos arranha-céus novaiorquinos? Será que esses fantásticos edifícios preenchem, de fato, os pontos de vista sociológicos de arte, num país onde cerca de 15 milhões de negros, isto é, 10% da população global não têm direito a destruição dos benefícios desse monstruoso urbanismo? Ou pelo contrário, será que, por seu aspecto, refletem a ideologia dominante de uma época, o estado de um país em determinada época de seu desenvolvimento?

Estamos, porém, de acordo com o sr. Ataíde quando diz que existe uma nova estética. Mas é preciso localizá-la: o humanismo filosófico e artístico, interrompido pela ascensão do imperialismo, achou, ali, onde esse mesmo imperialismo foi batido pelas forças do proletariado, um terreno onde pode se desenvolver plenamente. Esse país é a União Soviética. Dai se espalha, para todo o mundo, uma nova estética, baseada no realismo socialista.

Como o assinala o arquiteto soviético A. Chichusev, autor, entre outros, do projeto do mausoléu de Lênin, na arquitetura, o edifício aparece como um dos elementos do conjunto geral e não como uma obra de arte arquitetural isolada. Toda a arquitetura soviética, a construção de lajeis e de edifícios isolados, realiza-se sob o plano da construção de uma cidade. O arquiteto soviético não constrói edifícios isolados, mas conjuntos.

«Hoje, o papel que o arquiteto soviético representa é o de refletir a ideia do poder popular e da democracia, a força e a consolidação da sociedade socialista, não a refletindo sob a forma de edifícios isolados, mas por conjuntos de construções, desde as casas de moradia até os palácios públicos, desde os meios de comunicação (gares, pontes, canais, etc.) até as usinas e fábricas, desde as cidades operárias e as aldeias até os grandes centros industriais».

Finalmente, o realismo socialista é, no dizer do arquiteto soviético I. Joltovski, prêmio Stalin de arquitetura de 1949, a arte que está forjando uma tão bela geração de arquitetos, que criarão obras tão maravilhosas como o mundo jamais viu. Pois essas obras decorarão a sociedade que evoluirá até o comunismo. Esta é realmente a nova estética.

LEIA

Testamento Sob a Força

De JULIUS FUCHIK

(Prêmio da Paz, no 2.º Congresso Mundial dos Partidários da Paz, realizado em Varsóvia)

À VENDA

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

Rua do Carmo, 6 — 13.º andar

Sala 1.306 — Tel. 22-1613

Cr\$ 10,00 o exemplar

Pega pelo telefone ou pelo reembolso postal

Lila Ripoll Guedes

O pranto desborda e o sangue tumbém. As rosas vermelhas se espalham no chão. Os mortos, os mortos, tenazes e fortes, estão relembando que há outra alvorada.

No porte estendido, calado, eloquente, os homens tombados, anjos e graves, apontam caminhos, de raldam bandeiras nas ruas, nos campos, nos rios e no mar.

Tombaram sem medo, singelos, heróicos, severos e graves, à luz dos luar.

severos e graves, na rua estendidos, calados estavam, mas não esquecidos

Rosales e Kulman, irmão Aristides, e tu Abdias, — herói camponês, de vida singela, de sonho tão alto — esperam confiantes que a aurora desponte no céu da manhã.

E tu Livramento, por quantos choraste? Que mãos se crispam de dor e revolta? Que vozes se ergueram na noite passada?

Avante Trabalhadores...

(Conclusão da 1.ª pag.)

mentem cada vez mais os lu-
brós, não só os patrões bra-
sileiros como muito especia-
mente das grandes empresas
estrangeiras como a Light
com 500 milhões de cruzei-
ros de lucros confessados, a
Standard Oil, com mais de
200 milhões, a United States
Steel e todas as outras que
roubam nossa terra e sugam
o sangue de nosso povo.
O governo do sr. Getúlio
Vargas é o governo de Lacer-
da, de Joffe, de Góes, dos in-
dustriais, banqueiros, e faz-
endeiros que, enquanto o povo
morre de fome, conseguem
hoje lucros jamais vistos em
nossa terra. O governo do sr.
Getúlio Vargas é o governo de
João Neves, o empregado da
Standard Oil, de Bouças, Schi-
midt, Daudt e Cia., todos
agentes do imperialismo, que
acabam, ainda agora em
Washington, de vender as
riquezas do país, e do nego-
ciar o sangue de nosso povo
nos bancos do imperialismo.
Camaradas trabalhadores!
Não vos deixeis enganar! Ou-
vi a palavra do Partido Co-
munista que é o vosso Parti-
do e que sempre vos disse
a verdade contra todos os ti-
ranos e mau grado todas as
perseguições da reação e do
fascismo. Nesses três meses
de governo do sr. Getúlio Var-
gas já vieram abaixo todas
as suas promessas mentiro-
sas e não cada vez mais con-
firmadas as palavras do Par-
tido Comunista ao declarar
que Getúlio no governo não
seria mais do que um novo
Dutra. O governo de Getúlio
como está cada vez mais cla-
ro para todos, é um governo
servil do imperialismo nor-
te-americano, um governo do
tração nacional, que continua
a política sangüinária de Dutra,
de fome e reação para as
grandes massas trabalhado-
ras, um governo que quer le-
var o Brasil para a guerra e
que não vacila em vender o
sangue de nosso povo aos
trustes e monopólios norte-
americanos.

Política de traição nacional

Camaradas! Já sentimos em
nossa própria carne quais são
as consequências da política
de traição nacional de Dutra
por a política de seu governo,
de completa submissão ao
imperialismo e de preparação
do país para a guerra, que
determinou a inflação, a
emissão de bilhões de cruzei-
ros, o aumento jamais visto
dos impostos indiretos pagos
pelo povo e, como consequên-
cia direta, o terrível encareci-
mento do custo da vida. En-
quanto o povo morre de fo-
me, os governantes brasilei-
ros dão 50 milhões de cruzei-
ros para os invasores da Co-
réia e gastam 700 milhões
com a aquisição de navios de
guerra envelhecidos, além de
elevarem cada vez mais os
orçamentos das forças mili-
tares que já representam mais
de 30% das despesas públi-
cas, enquanto ficam escolas
e hospitais para o povo e no
Norte de nosso país morrem
de fome pelas estradas e
mal recebem soldados e mi-
lhares do governo. O sr. Ge-
túlio Vargas continua a cri-
ticar em palavras a política
de Dutra, mas enquanto fala
para enganar o povo e chega
mesmo a tentativas de con-
tra os pequenos comerciantes
que semeiam a parca das
grandes necessidades, que fa-
zem parte do governo, prosse-
gue com a política de traição
de Dutra de entrega total do
país ao imperialismo, e man-
da João Neves, com o apoio
de todos os partidos das clas-
ses dominantes, vender a Tru-
man o sangue de nossa ju-
ventude. E é para poder con-
tinuar em segredo a prepa-
ração das contingentes mili-
tares brasileiras que, ainda
pretende mandar para a Co-
réia a 8.ª Divisão Intensiva
sob o pretexto de que a Coré-
ia da paz, que Getúlio con-
serva no cântaro, não tem
operária Elise Branco, a ho-
toica mãe brasileira, além de
dezenas de operários e inter-
nais a perseguir no comando
da Prates que sempre lu-
tando pela paz e a liberdade
querido do nosso povo em
sua luta pela libertação do
Brasil do jugo imperialista,
pelo progresso e pela indepen-
dência da Pátria.

Unidade e organização

Trabalhadores! Operários e
operárias! Juvenis e velhos!
Levantenos hoje um só
homem contra essa política
de guerra, de fome e reação
do sr. Getúlio Vargas e de
todos os partidos das classes
dominantes! Fazemos de ca-
da fábrica e de cada fazen-
da, de cada bairro operário
uma fortaleza contra a guer-
ra. Nós, operários, somos in-
comparavelmente mais nú-
merosos que a minoria de
capitalistas que, para conse-
guir maiores lucros, precisam
levantar nossos filhos e a nós
mesmos para a matança da
Coréia ou de uma nova guer-
ra mundial. Imaginem nossas
forças, organizadas nos por-
tos, em toda parte, lutando nos
nosso trabalho, nos nossos
bairros e em nossas casas.
É um segredo, porque tem
medo do povo, a classe opre-
ssora, que o governo do sr.
Getúlio Vargas continua pre-
parando o contingente de

sangue brasileiro que já pro-
meteu aos assassinos de Wall
Street. Não temos direito de
nos deixar surpreender, nem
podemos cometer a ignomi-
nia de nos deixarmos arras-
tar como gado de corte para
as matanças do imperialismo.
Aumentemos nossa vigilân-
cia para não permitir que da
noite para o dia não tente o
governo embarcar nossos fi-
lhos e irmãos, pais e mari-
dos, para a matança da Co-
réia. O povo coreano luta pe-
la independência da própria
pátria contra os invasores
norte-americanos. Sua luta é
parte de nossa própria luta
contra o jugo imperialista.
Não iremos para a Coréia
porque somos solidários com
o seu povo, heroico e é aqui
em nossa terra que lutamos
contra o inimigo comum —
os bandidos sangüinários dos
trustes e monopólios norte-
americanos.

Sem perda de um minuto,
unamos e organizemos nos-
sas forças, lancemo-nos à lu-
ta e mostremos de maneira
convulsa e prática, por me-
do da ação diária, que não
estamos dispostos a ir para a
guerra imperialista, que ja-
mais participaremos de qual-
quer guerra contra a gloriosa
União Soviética, como não
permitiremos que as rique-
zas do país sejam entregues a
Truman para ajudá-lo em
suas aventuras sangrentas
contra a humanidade traba-
lhadora, nem que utilize com
o mesmo fim o produto do
trabalho de nossos braços.

O papel do proletariado

Nessa luta contra a guerra
imperialista, contra a políti-
ca de fome e reação de Var-
gas e das classes dominantes,
os mais pobres, os mais
forças e conosco está a ma-
ioria esmagadora da nação,
estão todos os verdadeiros pa-
triotas que querem a inde-
pendência e o progresso do
Brasil, estão as milie-
brazeiras que sabem defender
a vida de seus filhos ameaça-
da pelos incendiários de
guerra, está a juventude que
quer viver e progredir e ja-
mais ir morrer nos campos de
batalha para que enriqueçam
os banqueiros internacionais
e os fazendeiros e negocian-
tes brasileiros. Conscos estio-
os soldados, marinheiros e
aviadores de nossas forças
armadas, nossos filhos e ir-
mãos, sempre prontos a de-
fender a soberania da Pátria
e não para servir como vil
instrumento de agressão con-
tra outros povos e que fiamos
obediência às ordens de ge-
nerais traidores, bagageiros
dos generais norte-america-
nos.

Pela paz, contra a fome e a reação

Neste 1.º de Maio precisa-
mos compreender a am-
plitude internacional da no-
stra luta pela paz, contra a fo-
me e a reação, a fim de que
nos coloquemos, como opera-
rios, parcela do grande exér-
cito do proletariado mundial.
A luta de nossos deveres in-
ternacionais, da solidarieda-
de e do apoio mútuo que fa-
zemos a nossa força interna e
que nos levam à vitória sobre
o imperialismo no mundo in-
teiro, para sobre as ruínas do
capitalismo construir com as
nossas mãos e a nossa inteli-
gência a grandiosa sociedade
do futuro, definitivamente li-
vre da ignomínia da explora-
ção do homem pelo próprio
homem.

Agonia do capitalismo

O mundo capitalista já se con-
torta nas garras da morte,
próxima e inevitável. O im-
perialismo, aquele que domina ho-
je e que resta do mundo capi-
talista, busca na guerra o pro-
longamento de seus dias, uma
saída para a crise que o asso-

berba. Aumenta por isso a pro-
dução de guerra e diminui a de
gêneros de consumo popular, a
vida enche-se cada vez mais pa-
ra os trabalhadores em todos os
países capitalistas e a explora-
ção dos povos coloniais e de-
pendentes assume proporções
nunca vistas. Guerra, fome e
fascismo — é o que o capita-
lismo, moribundo, impõe às mas-
sas trabalhadoras que explora e
oprima.

No campo da Paz

Na grande União Soviética
desenvolve-se a ritmo jamais
visto na história da humanida-
de o trabalho criador e pacífico
e uma cultura nova. Empenha-
mo-nos no desenvolvimento da in-
dústria civil, na construção de
centrais elétricas, de canais na-
vegáveis e para irrigação, em
imensos planos de reforesta-
mento, no reabastecimento siste-
mático dos preços dos artigos
de consumo, na ampliação de
seu bem-estar e na conquista
da felicidade, os povos soviéti-
cos anseiam ardentemente pela
paz, condição indispensável à
construção da sociedade comu-
nista. E não somente aspiram
a paz, mas lutam ativamente
por ela. Ainda agora, acabam
de completar em 4 anos e 3
meses, nove meses antes do té-
rmino portanto, o primeiro pla-
no quinquenal do pós-guerra,
elevando a produção global do
país de 73 por cento sobre os
níveis do ano de 1914 em vez
dos 50 por cento planejados.
A produção das minas de car-
vão e dos campos petrolíferos,
reduzida a zero durante a ocu-
pação alemã, ultrapassou os
níveis de antes da guerra, e 536
mil tratores foram entregues à
agricultura do país desde o fim
da guerra.

Ao lado deste poderoso e in-
vincível baluarte da paz, que
inúndia aos trabalhadores do
mundo inteiro a confiança no fu-
turo e é inabalável na vitória
do proletariado, estão hoje os
países da democracia popular
na Europa que marcham pelo
caminho da construção vitoriosa
do socialismo, está a grande
República Popular da China que
marcha vitoriosamente pelo ca-
minho da realização da revolu-
ção agrária e da rápida eleva-
ção do nível de vida de seu po-
vo, que juntamente com o he-
roico povo coreano luta agora
triumfante pela expulsão da
Coreia e do território insu-
lar chinês das forças armadas
do imperialismo japonês agres-
sor. Também o povo alemão,
que já criou a sua República
Democrática, luta ardentemente
pela unificação do país e seba-
de reunir em Berlim os repre-
sentantes de todo o proletaria-
do europeu que se levanta como
um só homem contra o reas-
timamento alemão, contra a cri-
minosa reconstrução do exér-
cito nazista e contra a utiliza-
ção das minas e usinas do Ruhr
como base industrial para a
guerra imperialista. E agora o
heróico proletariado espanhol,
de Barcelona a Bilbao, após 12
anos da mais trágica reação do
bandido Franco, levanta novame-
nte suas gloriosas bandeiras,
como que anunciando à classe
operária de mundo inteiro, que
já basta de fome e sangue, que
a classe operária, apoiada as
diretivas do grande Stalin, to-
ma em suas mãos poderosas a
causa da paz, que se aniquila
enfim a hora de enterrar os res-
tos do fascismo e de dar aos
países um grande passo no ca-
minho do socialismo na Europa
e no mundo inteiro.

Convite de luta pela Paz

Trabalhadores!
O Partido Comunista do Bra-
sil vos chama para um 1.º de
Maio de luta, em defesa da paz
e contra as decisões da Confe-
rência de Washington. A vida
e a liberdade da classe operária
e de todo o nosso povo estão
seriamente ameaçadas pelos
compromissos que o governo de
Getúlio assumiu nessa Confe-
rência de guerra e colonização.
Lutemos contra o envio de tro-
pas à Coréia, contra a forma-
ção de qualquer exército colo-
nial a serviço dos banqueiros
americanos e do governo de
Truman. Organizemos sem per-
da de tempo, em cada bair-
ro, em cada fazenda, em cada ba-
ir, comitês de luta pela paz
que se mantenham vigilantes
e não permitam que o go-
verno prosiga em segredo os
preparativos já iniciados des-
de o governo Dutra e que têm
por objetivo mandar soldados
brasileiros para a Coréia.
Aproveitemos o 1.º de Maio
para demonstrar nossa von-
tade de paz e nossa decisão de
combater a política de guerra
do atual governo. Exijamos a
paz no mundo inteiro e trata-
mos de conseguir neste Pri-

meiro de Maio milhares e
milhares de assinaturas para
o Apelo do Conselho Mundial
da Paz, que exige um Pacto
de paz entre as cinco grandes
potências.

Contra a carestia e por aumento de salários

Aproveitemos este 1.º de
Maio para intensificar a luta
pelos nossos interesses vitais,
contra a carestia da vida e
por aumento de salários. Não
podemos ficar de braços cruza-
dos diante da miséria e da fo-
me de nossas mulheres, de
nossos filhos e de nossos pais
encarcerados no trabalho. Exi-
jamos dos patrões e do gover-
no um salário que nos assegure
uma vida digna e exijamos
que seja fixado um salário
mínimo familiar como deter-
mina a Constituição, prote-
tando e lutando contra a es-
tabilização do salário de fome
de que já fala o Ministério do
Trabalho a pretexto de alterar
o salário mínimo legal, há mu-
lto inexistente e completamen-
te sobrepassado pelo rápido en-
carcamento do custo da vida.

Lutemos pela liberdade sin-
dical, pelos nossos direitos de-
mocráticos, a começar pelos
direitos de reunião, de asso-
ciação e de greve, e lutemos
com decisão contra a humi-
liante intervenção policial em
nossas organizações sindicais.
Unamos e organizemos nossas
forças no local de trabalho e
formemos nossas próprias as-
sociações profissionais. Exij-
mos a anistia imediata para
Elise Branco e para todos os
presos e processados por lutar
por paz, pão, terra e liberdade.

TRABALHADORES!

Neste 1.º de Maio, o Parti-
do Comunista do Brasil vos
chama para a luta pela paz e
a independência nacional. De-
vemos e podemos derrotar a
política de guerra, de fome,
de opressão policial do atual
governo e haveremos de levar
nossa luta até o fim, até ac-
abar com esse regime de ex-
ploração brutal e com os go-
vernos de fazendeiros e gran-
des capitalistas, servil de

imperialismo norte-americano,
para substituí-lo pelo governo
do povo, um governo da de-
mocracia popular, que tire nos-
sa pátria do campo da guerra
e da reação para o campo da
paz, da democracia e do socia-
lismo.

Organizemos a Frente Democrática de Libertação Nacional

É para realizar essa gran-
de e histórica tarefa que o
Partido Comunista do Bra-
sil vos chama e vos convoca para
criar em toda parte a Frente
Democrática de Libertação
Nacional, organização dos pa-
triotas e democratas que lu-
tam pela paz e a independên-
cia do Brasil do jugo imperia-
lista.

Operários e operárias! Vin-
de reforçar as fileiras do Par-
tido Comunista que é o vosso
Partido, o lutador consequen-
te pelos interesses da classe
operária e o dirigente prova-
do na luta contra o imperia-
lismo, pela independência na-
cional, pela paz, pela demo-
cracia e pelo socialismo.

Camaradas trabalhadores!
É com o pensamento diri-
gido para os filhos da classe
operária tombados em com-
bate — dos mártires de Chica-
go aos nossos heróis da ci-
dade do Rio Grande — que ju-
ramos continuar sua luta glori-
osa até o fim, com confiança
inabalável no futuro e fé ar-
dente no triunfo do comunis-
mo no mundo inteiro. Somos
parte do grande exército mun-
dial do proletariado que mar-
cha triunfante, tendo a
frente o porta-estandarte do
comunismo, o guia dos traba-

ADIADO O PIC-NIC

Conforme já foi notificado,
o pic-nic que deveria ter lu-
gar hoje, na Ilha do Gover-
nador, foi transferido para o
próximo dia 6 de Maio. São
válidos os convites que foram
distribuídos.

lhadores do mundo inteiro, o
grande Stalin!
Avante, pois, para a luta e
para a vitória! Ganhemos na-
ruas e demonstremos que ja-
tomanos em nossas mãos po-
derosas a grande causa da
paz!

Nenhum soldado brasileiro
para a Coréia! Fora com os
generais e as tropas norte-
americanas do nosso solo! Fu-
camos das decisões da Confe-
rência dos chanceleres um far-
rapo de papel!

Por um Pacto de paz das
cinco grandes potências!
Por aumento geral de sala-
rios! Pela baixa imediata dos
preços de todos os artigos de
consumo popular! Cadeia para
os esmoleiros do povo!

Por um Governo Democra-
tico Popular! Viva a Frente
Democrática de Libertação
Nacional!

Viva a União Soviética, ba-
luarte da Paz. Jamais partici-
paremos de uma guerra
contra a Pátria do Socialismo!
Viva o proletariado brasilei-
ro! Viva o seu Partido de van-
guarda — o Partido Comunista
do Brasil!

Viva a solidariedade inter-
nacional dos trabalhadores!
O Comitê Nacional do P.C.B.

INSTRUMENTO VALIOSO

(Conclusão da 1.ª pag.)
sitário Afairm da Cunha Mi-
randa e Marcello Duarte.
Discutiram o respeito do
Apelo do Dr. Eusébio Lavigne,
o escritor Vladimir Guimarães,
o poeta Waldir Freitas de Olivei-
ra e a seguir foi exibido o fil-
me «O Emigrante» com Charlie
Chaplin bem assim como foram
ouvidas duas canções do cantor
negro Paul Robeson. Antes que
o escritor Vladimir Guimarães
encerrasse o ato, falaram ainda
os Drs. Gerson Mascarenhas e
Manoel Jerônimo Ferreira, e o
universitário Humberto Qua-
dros.
COLETA DE ASSINATURAS
EM ITABUNA
ITABUNA, Bahia, 26 (do
corpo «ente) — Os partici-
pantes da paz deste município já
lançaram a campanha de co-
leção de assinaturas para o Apelo
do Conselho Mundial da Paz.
As primeiras listas enviadas pe-

lo Movimento Baiano da Paz já
foram devidamente preenchi-
das.
LANÇADA A CAMPANHA
EM NAZARE
NAZARE, Bahia, 26 (espe-
cial para a IMPRENSA POPU-
LAR) — No salão nobre da
Prefeitura, foi solenemente em-
possada a diretoria do Move-
mento dos Partidários da Paz
de Nazare. Com a presença do
representante do Movimento
Baiano, universitário Humberto
Quadros, foi feita a leitura do
componentes da diretoria em
cuja presidência se encontra o
vereador Lúcio Plácido dos
Santos. Em seguida foram pro-
gramados comandos de assina-
turas para cobrir todo o perí-
metro urbano da cidade. Final-
mente, no dia seguinte, o líder
estudantil Humberto Quadros
pronunciou uma concorrida pa-
lestra acerca de sua viagem po-
la Europa.

DENTRO DE BREVES DIAS

(Conclusão da 1.ª Pág.)
Iniciativa deverá ser tomada
no trabalho de propaganda da
Conferência. Dentro de pou-
cos dias será amplamente
anunciada a data da realiza-
ção da Conferência. A Comis-
são Organizadora está fun-
cionando normalmente, as
mesmas horas e no mesmo
local: rua Afonso Cavalcante,
134. — Rio de Janeiro, 28 de
abril de 1951. (ass.) A COMIS-
SÃO ORGANIZADORA.

FALTAM ONIBUS NA LINHA NOVE

Recebemos de numerosos mo-
radores do Botafogo um abaixo-
assinado, em que protestam
contra o descaso da companhia
de ônibus que explora a linha
9, Mauá-Mourisco. Afirma-
se que as pessoas residentes naquele ba-
irto que, nas horas de maior mo-
vimento, não existe o número
suficiente de coletivos, o que é
motivo de enorme transtorno.
Finalizam salientando ser essa
a única linha de ônibus que liga
a zona sul à Praça Mauá.
Entre outros, firma a queixa
os Srs. Osmar da Hora, Nilton
Borchi, Maria Creuze, Galvão,
Roberto João Rollin, Antonio do
Sá, Neusa Paes, Alberto Rodri-
gues, Honorário Coriolano, Au-
gusto Moraes e Rubens Mattos.

Pastas Bolsas Malas

Compre, de preferência, na Fábrica
Santa Bárbara.
RUA DA CONSTITUIÇÃO, 10

Seja Sócio do
M A I P

Processado o Funcionario Pela Policia e Pela Standard

Preso desde o dia 18 o sr. Manuel dos Santos — Forja-se contra ele um processo-farsa — Organizada a campanha pró-libertação, liderada pelos funcionários municipais

Continua preso e acha-se re-
colhido ao Presídio do Distrito
Federal, desde o dia 18 último,
o funcionário municipal Ma-
nuel dos Santos. Conforme no-
ticiamos, o sr. Manuel dos
Santos foi uma das vítimas
das violências policiais con-
tra os populares que protesta-
vam contra as resoluções guer-
reiras da conferência de chan-

celeres. Nessa ocasião, houve
demonstrações de ódio contra
a Standard Oil, empresa ame-
ricana que se empenha na pro-
paganda de guerra e pretende
monopolizar o petróleo bra-
sileiro.

passava pelas proximidades,
nesses momentos. A polícia,
procurando fazer media com
os patrões tanques, prendeu-o
e insiste em forjar contra ele
um processo por «deprecação».
Os advogados de Manoel dos
Santos requereram relaxamen-
to da sua prisão, mas o juiz ao
qual está afeto o processo, em
vez de despachar o requeri-
mento, encaminhou-o à Pro-
curadoria da República. Isto,
que é completamente fora das
normas de processo, prova que
influências estranhas estão em
jogo. É claro que a Standard
e a Polícia já se entenderam
para que este se preste a co-
laborar na farsa que se está
montando contra Manoel dos
Santos.

Os funcionários municipais
porém, já se mobilizaram em
apoio do seu companheiro
Grande comissão esteve on-
tem em nossa redação e fez
um apelo, por nosso intermê-
dio, a todos os funcionários e
ao povo em geral para que
apoiem a campanha pró-liber-
tação de Manoel dos Santos.
Para esta campanha são ne-
cessários fundos para atender
a várias despesas. As con-
tribuições podem ser encami-
nhadas, por enquanto, à nos-
sa redação.

O PROBLEMA DA ÁGUA

O caso geral que passa em
frente do n.º 1.831 da aveni-
da Vinte e Nove de Outubro
está furado há alguns dias.
Em consequência não há
água em toda a redondeza.
Também sem uma gota d'á-
gua se encontram os habi-
tantes de um morro existen-
te na vizinhança daquela ave-
nida. E autoridade alguma
se julga responsável pelo con-
serto do cano.

Morro da Viúva, localizado
nas proximidades, a situação
é igualmente aflitiva.

A' venda em todas as
bancas o nov. numero de

"PARA TODOS"

Revista de combate da li-
teratura da vanguarda
DESTACANDO-SE:
«Carta da prisão», um bo-
lissimo e emocionante
documento humano — de
Ernest Thaelmann
— Silvio Romero, crítico
— Astrid Lindhgren
— Schmidt, merced de
morte — Michael Weinek
d. Castro.
— Um romancista e amigo
do Brasil — Jorge Amado
— Uma tarefa de honra
— Floriano Gonçalves
— Crônicas de Álvaro Mo-
reira e Elydio Siqueira
— Retrato de Silvio Ro-
mero, por Cândido Portinari

—Reclamam os moradores da
avenida Rui Barbosa uma
providência da Prefeitura no
sentido de ser restabelecido
o abastecimento de água, que
há vários dias se encontra in-
terrompido. O regime de seca
imposta àquela gente está se
tornando insuportável pois
são forçados a apanhar água
de porta em porta nas casas de
ruas próximas. Também no

LEIA

"PROBLEMAS"

ARTIGOS FINOS PARA
HOMENS — CAMA
— E MESA —
Fábrica própria
Vendas a varejo
RUA DA CARIOCA, 87
Junto à Praça Tiradentes

Sua Palavra Representa Dinheiro

Compre a Crédito
SEM ENTRADA — SEM FIADOR
Máquinas de Costura
Rádios
Bicicletas
Fogões a Oleo
Utilize as facilidades que lhe oferece a
GALERIA DOS RADIOS
AVENIDA MEM DE SA, 92
Tels. 22-5279 e 22-1135

6.º ANIVERSARIO
Da Camisaria PAZ
Grande liquidação de saldos remarcados.
Blusões — Camisas — Calças — Artigos
fios para homens, senhoras e crianças —
Vá sem demora aproveitar os preços es-
peciais — Reabertura amanhã às 11 horas.
RUA VISCONDE DO RIO BRANCO, 16
(Em frente à Lavradio)
GRATIS, PUBLICIDADE

Grande Liquidação

DE CALÇADOS FINOS.
Preços especiais de combate.
SAPATARIA NUNCIO
Rua Republica do Libano, 36-A —
(Antiga rua do Nuncio)

ESCOLA DO POVO
Avenida A. 27, 2.º andar, sala 10
Cursos inteiramente gratuitos
Português, Aritmética, Geografia e Historia do Brasil — — — INGLÊS — — — FRANCES — — — TEATRO — — — PINTURA — — — RADIO TECNICO
Inscrições abertas diariamente das 18 às 20 horas

ESPETACULAR LIQUIDAÇÃO

DE TODO VARIADO ESTOQUE DE CASIMIRAS, LINHOS, GABARDINE LISA E FANTAZIA E AZUIS DE TODAS AS QUALIDADES E MARCAS — Albe-
nos em todas as cores e desenhos, de Cr\$ 90,00 por Cr\$ 75,00. Linhos dos mais afamados fabricantes com f/Irlandez, desde Cr\$ 40,00. Azul Aurora, Cr\$ 230,00. Azul «King», com f/Inglês, 220,00 o metro. Estes preços, onde? Ora, meu amigo, é na rua da Alfândega, 230. Não confundir. 230, a poucos passos de Avenida Passos — VER PARA CRER.

TERRENOS DENTRO DA CIDADE DE RIO BONITO
Em prestações a partir de Cr\$ 80,00 mensais.
Ótimo clima — Água e Luz. Áreas para sítios, chacaras e lotes.
Trat. Av. Rio Branco, 9 — s/352 — 3.º andar. Tel. 42-7270

VENCEDORES O PALMEIRAS E A PORTUGUESA

a Jair, nessa ordem. — STAMBUL, 28 (Serviço especial para a IMPRENSA POPULAR) — A Portuguesa de Desportos colheu expressivo triunfo sobre o conjunto local do Fenerbance, a quem derrotou pelo escore de 3 a 1.

MONTEVIDEO, 28 (Especial para a IMPRENSA POPULAR) — Estrondoso, hoje, nesta capital, o Palmeiras conseguiu abater o Penarol. A contagem foi de 2 a 1, tentos de Lima, Abadie

— A Portuguesa de Desportos colheu expressivo triunfo sobre o conjunto local do Fenerbance,

Vibração no Maracanã

Fisicamente, hoje, os fans do esporte da casa terão oportunidade de ver aquilo que de melhor existe, em matéria de bola ao cesto, no mundo. Isto por que irão assistir entre nós os famosíssimos jogadores do "Original Harlem Globetrotters", consagrados pela crítica mundial como a mais perfeita equipe do gênero.

Cópia de apresentar jogadores mais curiosos, não só pelo virtuosismo de sua técnica, como também pela malabazardia empregada, os Globetrotters, por si só, garantem o espetáculo desta tarde. "Todavia, não teremos oportunidade de assistir apenas aos negros em seus malabarismos. Veremos um outro grande conjunto profissional,

Hoje, à tarde, no maior estádio do mundo, os maiores jogadores de bola ao cesto do mundo — Globetrotters x Atlética Grajau, no cotejo principal, e Flamengo x All Stars, na preliminar — Juizes

o All Stars, cujos jogadores são todos brancos. Donos de uma técnica primorosa, estes gigantes do tablado enfrentarão, no cotejo preliminar, a equipe do Flamengo, uma vez que na principal estarão Atlética e Globetrotters.

Para os seus compromissos de jogo mais, a Atlética e o Flamengo iniciarão com os seguintes homens: ATLÉTICA: Ruy e Helinho; Passarinho, Montanha e Cleto.

FLAMENGO: Algodão e Al-

fredo; Zé Mario, Mario Her-

mes e Godinho.

INGRESSOS

A partir das 12 horas de hoje, os ingressos poderão ser encontrados nas bilheterias do Estádio Municipal, de acordo

com a seguinte tabela: Camarotes (5 lugares), 300,00 Cadeiras, 60,00; Arquibancadas, 20,00; Gerais, 15,00 e reduções para 10,00 quando destinadas a militares e crianças.

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 29 DE ABRIL DE 1951

IMPRENSA POPULAR

DIRETOR: PEDRO MOUTA LIMA — ANO IV N.º 678

AUTORIDADES

Juizes: Aladino Astuto, Hélio Louzada, Luiz Marsano e Noli Coutinho. Oficiais do Mesa: Adolfo Peres, Armando Coelho, Elcio Almeida, Sérgio Rosa, Rubens Santos e José Guio.

AS ENTRADAS PARA O PÚBLICO

Para a estréia dos basquetebolistas norte-americanos, amanhã, a entrada do público no Estádio Municipal será a seguinte: portão para arquibancada, rampa da av. Maracanã; portão de geral, rua Mata Machado; portão para cadeiras (n.º 16 e 17); cadeiras cativas, portões 18 e 19. As bilheterias que funcionarão são as seguintes: arquibancadas — n.º 2 e 3 na av. Maracanã; cadeiras e geral, n.º 5 e 7, na rua Mata Machado.

Em Festa a Lagôa

Estará engalanada a Lagôa, na manhã de hoje. E que ali se disputa mais um campeonato brasileiro de remo. Estarão presentes guarnições de oito Estados da Federação. E estarão em confronto não só pela conquista do título máximo do remo nacional, como também, do direito de representar o nosso país, nas regatas de Primeiro de Maio.

GAUCHOS, PAULISTAS E CARIOCAS

Grande animação reina no meio de todas as delegações, muito embora três apenas estejam em condições de alcançar o título coletivo, a saber: São Paulo, Distrito Federal e Rio Grande do Sul. Atuais campeões, os gaúchos queriam manter o título, enquanto os cariocas e paulistas tudo darão para derribar

os sulinos da posição que ocupam.

O HORARIO E O PROGRAMA O cortejo terá início às nove horas e o programa está assim organizado:

1º PAREO — Campeonato de Outriggers a 4 remos — com patrão — (1) — Bahia; (2) — Pará; (3) — Pernambuco; (4) — Rio Grande do Sul; (5) — Espírito Santo; (6) — São Paulo; (7) — Santa Catarina e (8) — Distrito Federal.

2º PAREO — Campeonato de Outriggers a 2 remos — sem patrão — (1) — Bahia; (2) — Espírito Santo; (4) S. Paulo; (5) — Pará (6) — Distrito Federal; (7) — Rio Grande do Sul.

3º PAREO — Campeonato de Single Skiff — (1) — Pernambuco; (2) — Bahia; (3) Rio Grande do Sul; (4) — Espírito Santo; (5) — Pará; (6) — São Paulo; (7) — Santa Catarina e (8) — Distrito Federal.

4º PAREO — Campeonato

Com início às nove horas será disputado hoje, o campeonato brasileiro de remo — Paulistas, cariocas e gaúchos cotados para a conquista do coletivo — Os demais concorrentes poderão surpreender em algumas provas isoladas — Horário e Provas

de Outriggers a 2 remos — sem patrão — (1) — Distrito Federal; (2) — Santa Catarina; (3) — São Paulo; (4) — Pernambuco; (5) — Rio Grande do Sul; (6) — Pará e (8) — Bahia.

5º PAREO — Campeonato

de Outriggers a 4 remos — sem patrão — (1) — Bahia; (2) — São Paulo; (3) — Rio Grande do Sul; (4) — Distrito Federal; (5) — Espírito Santo.

6º PAREO — Campeonato

Americano x Flamengo

O cartaz de hoje, em Campos — Regressarão

amanhã, os rubro-negros

Campos, 28 (Pelo telefone). — Depois do pré-jogo de hoje, contra o Goytacazes, os rubro-negros jogarão amanhã, à tarde, contra o R. Beira-A, constituição da equipe, conforme

se observou, no pré-jogo de hoje, será a mais variada possível, enquanto Flávio continua querendo observar os reservas, a fim de selecionar aqueles que acompanharão os titulares, na excursão à Europa.

Na tarde de amanhã, será adversário do Flamengo, o quadro do Americano, conjunto que já deu vários ataques do futebol carioca como Alcinô, Didi, Vermelho e outros.

Contra a Seleção Portuguesa

Hoje, à tarde, em Lisboa, jogará o Combinado Bangu-São Paulo — Em benefício da Cruz Vermelha Portuguesa o embate — Quadros — Bauer, o melhor do mundo — Zizinho e Leonidas, outros ares elogiados pelo técnico do Saarbrücken

LISBOA, 28 (Especial para a IMPRENSA POPULAR). — Moner-

mais, amanhã, outros, incluindo uma vitória dos visitantes, foram as únicas performances, quando dos jogadores mais cotados para o Vêlo Mundial.

Equipe

Para esta competição, entre as equipes, a seleção portuguesa, representada por a Cruz Vermelha Portuguesa, o quadro brasileiro, deverá apresentar-se com o seguinte quadro:

Portugal: Mendonça e Belandier, Mir-

maio, outros, incluindo uma vitória dos visitantes, foram as únicas performances, quando dos jogadores mais cotados para o Vêlo Mundial.

Equipe

Para esta competição, entre as equipes, a seleção portuguesa, representada por a Cruz Vermelha Portuguesa, o quadro brasileiro, deverá apresentar-se com o seguinte quadro:

Portugal: Mendonça e Belandier, Mir-

Paddock

Endless, fez tantas diábolos no que a sua carreira, a volta após uma hora de vôo. Seu companheiro de viagem, Bar-B-Guê, seguiu sozinho, será tentado, mas embarcará, porém, agora a água na sobre a água de entorpecimento.

Na pista de ariz do hipódromo da Gavea foram anotados os seguintes resultados de corridas:

Corrida, 500 em 25 2/5 seg. 1º. Boticelli, 500 em 25 2/5 seg. 2º. NADAM, 500 em 25 2/5 seg. 3º. Boticelli, 500 em 25 2/5 seg. 4º. Boticelli, 500 em 25 2/5 seg. 5º. Boticelli, 500 em 25 2/5 seg. 6º. Boticelli, 500 em 25 2/5 seg. 7º. Boticelli, 500 em 25 2/5 seg. 8º. Boticelli, 500 em 25 2/5 seg. 9º. Boticelli, 500 em 25 2/5 seg. 10º. Boticelli, 500 em 25 2/5 seg.

Em Jau o Fluminense

Estréia hoje contra o XV de Novembro — No dia 1.º de Maio jogará em Bauru

Na manhã de ontem, embar-

caram para Jau, onde chegaram às primeiras horas da tarde, os jogadores do Fluminense. Hoje, à tarde, darão combate ao XV de Novembro local, clube que foi um dos candidatos à primeira divisão do certame paulista.

EM BAURU

Não se restringirá apenas a este encontro a viagem do tri-

ângulo paulista. Dia 1.º de Maio seus profissionais estarão novamente em atividade, a fim de dar combate ao campeão da cidade de Bauru.

PARA A SUA PEÇA DE APRESENTAÇÃO, na tarde de hoje, em Jau, o conjunto tricolor formará com os seguintes jogadores:

VITÓRIA DO BANGU

Em prosseguimento do Torneio Municipal, jogaram ontem, Bangu e América. A peça, que foi das mais fracas, teve como vencedor o conjunto alvi-rubro.

A contagem foi de 2 a 1, sendo que todos os três tentos foram acentuados com a cobrança de três faltas marcadas. Para o Bangu, Irani marcou ambos os tentos, cabendo a França assinalar o gol dos rubros.

Seja Sócio do

M A I P

Torneio Municipal

Completa-se hoje mais uma rodada — Vasco e Botafogo, em Figueira de Melo; Fluminense e Madureira, em Olaria, e Canto do Rio e São Cristovão, em Madureira, os três jogos do dia

Completa-se hoje mais uma

rodada do Torneio Municipal. Três jogos estão programados.

VASCO X BONSUCCESSO

No Campo de São Cristovão,

estará frente a frente, as equipes do Bonsucesso e do Vasco. Dirigirá o encontro o sr. Milton Silveira. Os dois quadros far-se-ão representar pelos seus aspirantes. Os titulares vacantes repousam em Cambuquira, enquanto os rubro-anil excursionam pela Bolívia.

Formarão as duas equipes com os seguintes ele-mentos:

BONSUCCESSO — Borachinha; Avilsson e Sidney; Luiz Ventura, Joff e Biguê; Valdir, Vassili, Mezza, Socca e Lenine.

VASCO — Marron; Antonio e

Gin; João Martins, Adesio e Carlinhos; Neza, Vasconcelos, Amorim, Lima e Jair.

FLUMINENSE X MADUREIRA

No campo do Olaria, Fluminense e Madureira estarão em ação. Representar os também pelos seus aspirantes, os dois times colorados da cidade apresentar-se-ão nas seguintes equipes:

MADUREIRA — Paulista; Blum e Weber; Djalma, Apel e Cardoso; Valter, Mineiro Jorge, Evaristo e Alcebades.

FLUMINENSE — Adalberto; La-fayette e Nestor; Osvaldo, Emilson e Xatrin; Lino, Robson, Teó, João Carlos e Queiroz.

O árbitro da partida será o sr. Osvaldo Pereira da Cruz.

CANTO DO RIO X SÃO CRISTOVÃO

No estádio Américo Moscoso, em Conselho Galvão, São Cris-

tovão e Canto do Rio estarão em confronto. Defendendo os dois tradicionais clubs veteranos, no campo do Madureira, os seguintes jogadores:

CANTO DO RIO — Joel; Wagner e Cosm. Vincentini, Didi e Serafini; Lupercio, Bina, Edmundo, Alvinho e Arido.

SÃO CRISTOVÃO — Marinho; Valdir e Toribis; Indio, Geraldo e Jordão; Cunha, Benedito, Limociro e Carlinhos.

Aplata esta partida o sr. Lourival Gomes.

Estréia o América

Confiantes os brasileiros — Como formarão os vice-campeões cariocas

Contra o Municipal o primeiro compromisso dos rubros, em Lima —

Lima, 28 (Especial para a IMPRENSA POPULAR). — Já se encontram nesta Capital, os jogadores americanos, os quais, por duas vezes já estiveram por estas bandas.

Os vice-campeões cariocas estrearão amanhã, dando combate ao Municipal. Muito embora, em suas fileiras formem grandes aces do futebol inca, o campeão peruano é o Alianza, con-

Nossas indicações

Incendiário	Boticelli	Elan
R. do Sul	Linda Dona	Braz, Star
Intrepido	Velho	Ruivo
Orestes	Banana	Zingaro
Meleco	Four Hills	Meudel
Alecrim	Hirou	C. Magno
Onca	Goldena	Macanuta
Elagol	Mahdi	Sarcunha

Intrepido, Meteco e Onéa Nossa Nossa Acumulada Para Hoje

PROGRAMAS E MONTARIAS OFICIAIS PARA DOMINGO E PROVAVEIS PARA TERÇA		
Extra de Terça-feira		
1-1 Incendiário, C. Moreno .. 50	2-2 Boticelli, C. Moreno .. 50	3-3 Boticelli, C. Moreno .. 50
4-4 Boticelli, C. Moreno .. 50	5-5 Boticelli, C. Moreno .. 50	6-6 Boticelli, C. Moreno .. 50
7-7 Boticelli, C. Moreno .. 50	8-8 Boticelli, C. Moreno .. 50	9-9 Boticelli, C. Moreno .. 50
10-10 Boticelli, C. Moreno .. 50	11-11 Boticelli, C. Moreno .. 50	12-12 Boticelli, C. Moreno .. 50
13-13 Boticelli, C. Moreno .. 50	14-14 Boticelli, C. Moreno .. 50	15-15 Boticelli, C. Moreno .. 50
16-16 Boticelli, C. Moreno .. 50	17-17 Boticelli, C. Moreno .. 50	18-18 Boticelli, C. Moreno .. 50
19-19 Boticelli, C. Moreno .. 50	20-20 Boticelli, C. Moreno .. 50	21-21 Boticelli, C. Moreno .. 50
22-22 Boticelli, C. Moreno .. 50	23-23 Boticelli, C. Moreno .. 50	24-24 Boticelli, C. Moreno .. 50
25-25 Boticelli, C. Moreno .. 50	26-26 Boticelli, C. Moreno .. 50	27-27 Boticelli, C. Moreno .. 50
28-28 Boticelli, C. Moreno .. 50	29-29 Boticelli, C. Moreno .. 50	30-30 Boticelli, C. Moreno .. 50
31-31 Boticelli, C. Moreno .. 50	32-32 Boticelli, C. Moreno .. 50	33-33 Boticelli, C. Moreno .. 50
34-34 Boticelli, C. Moreno .. 50	35-35 Boticelli, C. Moreno .. 50	36-36 Boticelli, C. Moreno .. 50
37-37 Boticelli, C. Moreno .. 50	38-38 Boticelli, C. Moreno .. 50	39-39 Boticelli, C. Moreno .. 50
40-40 Boticelli, C. Moreno .. 50	41-41 Boticelli, C. Moreno .. 50	42-42 Boticelli, C. Moreno .. 50
43-43 Boticelli, C. Moreno .. 50	44-44 Boticelli, C. Moreno .. 50	45-45 Boticelli, C. Moreno .. 50
46-46 Boticelli, C. Moreno .. 50	47-47 Boticelli, C. Moreno .. 50	48-48 Boticelli, C. Moreno .. 50
49-49 Boticelli, C. Moreno .. 50	50-50 Boticelli, C. Moreno .. 50	51-51 Boticelli, C. Moreno .. 50
52-52 Boticelli, C. Moreno .. 50	53-53 Boticelli, C. Moreno .. 50	54-54 Boticelli, C. Moreno .. 50
55-55 Boticelli, C. Moreno .. 50	56-56 Boticelli, C. Moreno .. 50	57-57 Boticelli, C. Moreno .. 50
58-58 Boticelli, C. Moreno .. 50	59-59 Boticelli, C. Moreno .. 50	60-60 Boticelli, C. Moreno .. 50
61-61 Boticelli, C. Moreno .. 50	62-62 Boticelli, C. Moreno .. 50	63-63 Boticelli, C. Moreno .. 50
64-64 Boticelli, C. Moreno .. 50	65-65 Boticelli, C. Moreno .. 50	66-66 Boticelli, C. Moreno .. 50
67-67 Boticelli, C. Moreno .. 50	68-68 Boticelli, C. Moreno .. 50	69-69 Boticelli, C. Moreno .. 50
70-70 Boticelli, C. Moreno .. 50	71-71 Boticelli, C. Moreno .. 50	72-72 Boticelli, C. Moreno .. 50
73-73 Boticelli, C. Moreno .. 50	74-74 Boticelli, C. Moreno .. 50	75-75 Boticelli, C. Moreno .. 50
76-76 Boticelli, C. Moreno .. 50	77-77 Boticelli, C. Moreno .. 50	78-78 Boticelli, C. Moreno .. 50
79-79 Boticelli, C. Moreno .. 50	80-80 Boticelli, C. Moreno .. 50	81-81 Boticelli, C. Moreno .. 50
82-82 Boticelli, C. Moreno .. 50	83-83 Boticelli, C. Moreno .. 50	84-84 Boticelli, C. Moreno .. 50
85-85 Boticelli, C. Moreno .. 50	86-86 Boticelli, C. Moreno .. 50	87-87 Boticelli, C. Moreno .. 50
88-88 Boticelli, C. Moreno .. 50	89-89 Boticelli, C. Moreno .. 50	90-90 Boticelli, C. Moreno .. 50
91-91 Boticelli, C. Moreno .. 50	92-92 Boticelli, C. Moreno .. 50	93-93 Boticelli, C. Moreno .. 50
94-94 Boticelli, C. Moreno .. 50	95-95 Boticelli, C. Moreno .. 50	96-96 Boticelli, C. Moreno .. 50
97-97 Boticelli, C. Moreno .. 50	98-98 Boticelli, C. Moreno .. 50	99-99 Boticelli, C. Moreno .. 50
100-100 Boticelli, C. Moreno .. 50	101-101 Boticelli, C. Moreno .. 50	102-102 Boticelli, C. Moreno .. 50
103-103 Boticelli, C. Moreno .. 50	104-104 Boticelli, C. Moreno .. 50	105-105 Boticelli, C. Moreno .. 50
106-106 Boticelli, C. Moreno .. 50	107-107 Boticelli, C. Moreno .. 50	108-108 Boticelli, C. Moreno .. 50
109-109 Boticelli, C. Moreno .. 50	110-110 Boticelli, C. Moreno .. 50	111-111 Boticelli, C. Moreno .. 50
112-112 Boticelli, C. Moreno .. 50	113-113 Boticelli, C. Moreno .. 50	114-114 Boticelli, C. Moreno .. 50
115-115 Boticelli, C. Moreno .. 50	116-116 Boticelli, C. Moreno .. 50	117-117 Boticelli, C. Moreno .. 50
118-118 Boticelli, C. Moreno .. 50	119-119 Boticelli, C. Moreno .. 50	120-120 Boticelli, C. Moreno .. 50
121-121 Boticelli, C. Moreno .. 50	122-122 Boticelli, C. Moreno .. 50	123-123 Boticelli, C. Moreno .. 50
124-124 Boticelli, C. Moreno .. 50	125-125 Boticelli, C. Moreno .. 50	126-126 Boticelli, C. Moreno .. 50
127-127 Boticelli, C. Moreno .. 50	128-128 Boticelli, C. Moreno .. 50	129-129 Boticelli, C. Moreno .. 50
130-130 Boticelli, C. Moreno .. 50	131-131 Boticelli, C. Moreno .. 50	132-132 Boticelli, C. Moreno .. 50
133-133 Boticelli, C. Moreno .. 50	134-134 Boticelli, C. Moreno .. 50	135-135 Boticelli, C. Moreno .. 50
136-136 Boticelli, C. Moreno .. 50	137-137 Boticelli, C. Moreno .. 50	138-138 Boticelli, C. Moreno .. 50
139-139 Boticelli, C. Moreno .. 50	140-140 Boticelli, C. Moreno .. 50	141-141 Boticelli, C. Moreno .. 50
142-142 Boticelli, C. Moreno .. 50	143-143 Boticelli, C. Moreno .. 50	144-144 Boticelli, C. Moreno .. 50
145-145 Boticelli, C. Moreno .. 50	146-146 Boticelli, C. Moreno .. 50	147-147 Boticelli, C. Moreno .. 50
148-148 Boticelli, C. Moreno .. 50	149-149 Boticelli, C. Moreno .. 50	150-150 Boticelli, C. Moreno .. 50